

## REGIÃO E REGIONALIZAÇÃO: DEBATES EM SALA DE AULA, ATRAVÉS DA MUSICALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Douglas Vidal Costa <sup>1</sup>  
Izabelle Trajano da Silva <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo evidencia a necessidade de repensar as metodologias utilizadas em sala de aula e conseguir através destas mudanças fazer com que o graduando seja protagonista. O trabalho foi fruto de debates da disciplina “Regionalização do espaço brasileiro”, ministrada no 7º período do turno da noite, do curso de licenciatura plena em Geografia, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), campus de Campina Grande. Na ocasião, a docente trabalhou o referencial teórico sobre as diferenças existentes entre o termo região e regionalização e para enfatizar pediu para que os graduandos (em dupla) trouxessem para sala de aula músicas que retratassem o conceito de região. Ao apresentar as melodias escolhidas, foi possível analisar: I) como os autores retratam este conceito-chave para a Geografia; II) quais as criticidades presentes nas letras; e III) como os autores abordam a região (se é com caráter geográfico ou popular). Diante de tal metodologia, identificou-se uma significativa participação dos discentes nas aulas, entendendo de maneira lúdica a junção do conceito atrelado ao cotidiano do aluno, haja vista que as duplas escolheram músicas como: “Nordeste independente” de Elba Ramalho; “Asa Branca” e “Nordeste pra frente”, cantadas por Luiz Gonzaga, dentre outras de conteúdo semelhante. Portanto, foi possível concluir que as aulas na graduação necessitam ser repensadas, para que possam ser revistas ideias existentes entre os próprios discentes, em que aula, só é aula, quando se usa slides ou textos. No mundo globalizado, existem outros recursos e metodologias que devem ser explorados, pois é uma oportunidade ímpar de (re)pensar sobre o ensino e a aprendizagem, ocorridas no ambiente escolar. A utilização de músicas é, desse modo, uma ferramenta relevante que podem (e devem) ser utilizadas como recurso no processo de ensino-aprendizagem em diversos ambientes, desde a educação infantil até o ensino superior.

**Palavras-chave:** Região, Regionalização, Graduação, Música, Musicalização.

### INTRODUÇÃO

A região é um dos conceitos que cercam a complexidade da ciência geográfica, muitas vezes confundido pelo senso comum em suas colocações, mas sempre necessário. Este artigo se desenvolve através da importância deste conceito para a Geografia e enfatizar que o ato de regionalizar se diferencia do conceito por si próprio.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [douglas.vidal335@gmail.com](mailto:douglas.vidal335@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora substituta do departamento de Geografia (UEPB); Doutora em Geografia (UFPB), [tsizabelle@gmail.com](mailto:tsizabelle@gmail.com);

Abordado desde os primeiros anos escolares e perpassa entre as escolhas de vida do indivíduo durante sua vida, seja para localização “região sul da cidade”, seja para designar uma parte do corpo “região abdominal”, para enfatizar um problema “região de perigo”.

O ensino brasileiro carrega consigo metodologias tradicionais que se perpetuam desde o ensino básico até o superior, a responsabilidade de formar novos professores dobra para os docentes dos cursos de licenciatura, visto que estão preparando novos profissionais na sua mesma área de trabalho. Há muitas pesquisas contendo críticas sobre o ensino tradicional e sua forma mnemônica, mas é necessário salientar-se que se o professor da graduação não altera sua metodologia, tão pouco os professores recém-formados irão.

Callai (1995) afirma que é muito importante para o professor o “refletir” sobre a própria prática. Prática esta, que não depende somente de um agente formador, mas sim de um ambiente acolhedor e técnico para se nomear sala de aula, equipamentos e materiais necessários, sobretudo uma formação continuada abordando eixos de necessidades da educação básica, pois por muitas vezes o vazio entre essas duas esferas se faz avassalador.

Há uma discussão muito forte na epistemologia geográfica acerca do conceito de região, o que abre espaços para muitos geógrafos o acharem “complexo”. Ribeiro (2016) afirma que existe um jogo dinâmico onde a região é utilizada na disputa/organização de territórios, já Lencioni (2005) destaca que a homogeneização é importante, pois é a partir das características semelhantes que se formam as regiões, mas é sempre importante ressaltar que mesmo dentro dessas equidades existem desigualdades e diferenças nos mais diversos fatores.

Este trabalho aponta reflexões derivadas das experiências desenvolvidas em uma turma do sétimo período do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I. Para debater os temas, que são os mesmos que regem este artigo, a professora dividiu a turma em duplas, logo após pediu-se para que fosse feita uma pesquisa de músicas que retratassem a região Nordeste e seus aspectos, ao decorrer da apresentação os alunos destacavam os pontos importantes da música atrelado ao debate regional.

O objetivo do trabalho da docente responsável pela disciplina é fomentar o uso de metodologias ativas, as quais, coloquem o graduando como centro do processo ensino aprendizagem, justo que, ao se formar serão professores e é necessário por formação inicial, estar situado com as mais diversas maneiras de abordar os conteúdos.

A escola padronizada, que ensina e avalia a todos de forma igual e exige resultados previsíveis, ignora que a sociedade do conhecimento é baseada em competências cognitivas, pessoais e sociais, que não se adquirem da forma convencional e que exigem proatividade, colaboração, personalização e visão empreendedora. (MORAN, 2015, p.16).

Sendo assim, a pesquisa e o círculo de debates realizados pela docente em questão levam os alunos a buscarem, se integrarem do processo de ensino, podendo analisar de forma crítica o que se pede. Moran (2015) afirma que o aprendizado das metodologias ativas, surgem a partir de problemas e situações reais, o vencer a timidez na apresentação, a despertar o espírito de líder no grupo, as análises e pesquisas, tudo isso transforma a educação bancária tradicional em um processo ativo e enriquecedor.

Para além da abordagem metodológica, outro objetivo do trabalho é discutir o conceito de região e suas várias facetas, as mais diversas maneiras de regionalizar o espaço. Tudo isso atrelado a preocupação de fomentar uma abordagem mais eficaz ao se retratar a este conceito. Muitas vezes, ao questionar-se “o que é região?”, muitas respostas se entrelaçam ao mesmo resultado: um “conceito complexo”. Mas, seria ele complexo para quem? É possível observar a região ganhar novos significados a partir da maneira ao qual dirige-se sua atenção.

Por fim, observou-se uma maior interação na turma, ao debater as músicas escolhidas. Através da carga teórica esplanada pela professora, foi possível analisar criticamente cada letra e analisar como a região nordeste é retratada nas canções, se o estereótipo xenofóbico de um lugar seco, pobre, repulsivo ainda perdurava. As discussões se fizeram extremamente necessárias para os graduandos quanto também para uma abordagem mais incisiva da docente.

## **METODOLOGIA**

O método utilizado na pesquisa foi o qualitativo, conforme Poupert *et al.* (2008) a observação e a compação são as bases da pesquisa, trazendo contribuições necessárias para o fenômeno desejado.

A docente dividiu a turma do sétimo período da disciplina de regionalização do espaço brasileiro em duplas. Foi pedido para que pesquisassem músicas que tratassem sobre o conceito de região, estas seriam apresentadas em sala de aula, cada dupla traria a letra impressa pois os colegas também poderiam trazer contribuições nas discussões uns dos outros.

As músicas eram reproduzidas através de uma caixinha de som e logo após a dupla começava a expor suas considerações, se necessário, a professora intervinha para acrescentar suas contribuições, construindo o conhecimento necessário para fazer análises fundamentadas.

Algumas músicas utilizadas foram Asa Branca e Nordeste Independente, que retratam de maneira geral as facetas da região nordeste e os estereótipos criados ao longo do tempo. Como afirma Rebouças (1997), a luta por água na região nordeste se configura mais como uma

questão estrutural, visto que, não tem como combater a seca e sim adaptar-se ao tipo de clima e criar modos de convivência que favoreça o fixamento de vida naquele local.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O conflito epistemológico envolvendo o conceito de região se perdura desde as discussões afirmando que a ciência geográfica era um conteúdo generalista. La Blache afirmava que o homem tem plena consciência da diferenciação das regiões, através das paisagens e a partir da construção de identidades regionais fixar características. Já Hetner para conseguir construir e defender sua ideia do que era a Geografia, para ele esta ciência era interamente resumida na descrição da superfície terrestre e para isso usou-se da ideia de identidade regional de La Blache (Lencioni, 2005).

Logo depois a região começa a ser agrupada em classes, com a chegada dos modelos matemáticos aplicados a Geografia era necessário um ordenamento para sequenciar as ideias criadas. Essa ideia deixa de ser discutida pois todo o ambiente deve ser correlacionado entre o espacial e o social, não há como analisar a região sem esses dois centros importantes.

Conforme o processo de globalização, que corresponde a mundialização do capital, o avanço nos meios de comunicação e transporte foi trazendo mudanças no ordenamento territorial, como exemplo temos a rede urbana brasileira que se reconfigura conforme sua zona de influência, dessa maneira “a diferenciação do espaço se deve, antes de mais nada, à divisão internacional do trabalho e ao processo de acumulação capitalista” (Gomes, 2000, p. 65).

A região conforme a abordagem, se reconfigura ao longo do tempo, mas permanece com o seu poder de ordenamento, Gomes (2000) afirma que ela é concreta existindo como uma referência para todos que vivem naquele determinado espaço. De fato, se perguntarmos da região a qualquer pessoa, ela saberá a qual pertence, seja o nordestino com suas características fortes, seja o sulista com sua gastronomia, este conceito vai além, ele também é cultura, pertencimento, é o próprio “lugar”.

Lencioni (2005) discute sobre o poder da homogeneização da globalização e reafirma que esse processo longe de acabar com a região só criou as diferenciações regionais. A alternância de escalas entre o local e o global trouxe para o conceito grandes discussões, seja na riqueza de cada espaço, seja no modo de vida da população.

Quando uma região é criada o ato de regionalizar é decorrente, analisar os espaços que possuem características semelhantes para a criação de uma só unidade. Ribeiro (2016) diz que: “desta maneira, a regionalização como fato encontra-se vinculada aos jogos dinâmicos da

disputa de poder, inscritos nas diferentes formas de apropriação (construção e uso) do território”.

Um exemplo deste tipo de poder são os CIRETRANS (Circunscrição Regional de Trânsito), onde normalmente a sede fica instalada na capital do Estado, e novos órgãos secundários são espalhados no território seguindo a criação de regiões, estudadas para melhor atender o público. Na Paraíba, ao todo temos 29º CIRETRANS (DETRAN, 2020) espalhadas pelo território estadual.

No ensino básico o conceito de região é trabalhado desde as séries iniciais, a Base Nacional Comum Curricular (2017) traz para o quarto ano a habilidade “EF04GE05” que consiste em distinguir as regiões brasileiras e suas unidades federativas, outro exemplo é a “EF07GE10” trabalhada no sétimo ano para a interpretação de dados conforme as regiões brasileiras.

É importante reconhecer que muitas vezes o conteúdo abordado na sala de aula da graduação tem um nível de complexidade maior, exercendo a necessidade de adaptá-lo para o ensino básico

O conceito de região presente no discurso da Geografia escolar tem um certo distanciamento de sua concepção em âmbito acadêmico. É necessário levar em consideração como o conteúdo é passado do professor ao aluno e as prováveis alterações feitas neste, mantendo a preocupação em não perder a qualidade da relação ensino-aprendizagem, já que o professor deve abordar obrigatoriamente vários assuntos, expondo assim o tema de região de forma bem sucinta. (Côelho, Macêdo, Filho, 2023, p.08).

Para que o conceito de região seja abordado de forma eficaz, fazendo com que os discentes compreendam sua importância e reconheçam sua influência no nosso espaço geográfico é necessário seja utilizados metodologias que saiam do comum. Para o ensino superior se faz mais eficaz esse tipo de abordagem, já que muitos professores, seja por falta de formação continuada, carga horária lotada, baixos salários e precarização do trabalho docente, acabam por perpetuar o ensino baseado na utilização da lousa e dos slides, ou seja, “ainda com modelos e estratégias tradicionais para uma sociedade contemporânea” (Lacerda, Santos, 2018, p.618).

Importante ressaltar quais aspectos formam o ensino tradicional, presente no Brasil desde a educação jesuíta, continuada pelo viés tecnicista que visa formar profissionais para o mercado de trabalho, como explica Lacerda *et al.* (2018, p.615)

O modelo tradicional de ensino apresenta como fundamentos a visão enciclopedista, a fragmentação do conhecimento em disciplinas, a transmissão docente e passividade

do corpo discente, fundado na memorização e posterior reprodução em avaliações aplicadas, periodicamente, a fim de mensurar a capacidade de memorização do aluno.

O uso da música como recurso didático pode quebrar esse paradigma, não que o docente deva deixar de usar a lousa e os slides, mas que esses recursos não sejam os únicos. Podendo alinhar o conteúdo debatido com as melodias escolhidas, como afirma Silva (2015, p. 01)

A música sempre esteve muito relacionada à vida das pessoas, principalmente a dos jovens; as músicas sempre tratam de algum conteúdo, ora do meio ambiente, ora são críticas/reflexivas, enfim são inúmeros os temas que a música trata em relação à Geografia, porém, muitas vezes, passam despercebidas pelas pessoas; seria de grande importância chamar a atenção dos jovens para que eles fiquem atentos às letras das canções, ouvir e interpretar o que elas dizem e a que ponto querem chegar, aliando ao incentivo por ouvir músicas de boa qualidade.

Portanto, é necessário que as instituições de ensino superior fomentem formações continuadas e de qualidade para os seus docentes, preparando novos professores para o mercado de trabalho externo e fazendo com que a educação brasileira seja modificada e perpassa a ideia tradicional, colocando o aluno como centro da discussão, fazendo dele um agente crítico, capaz de analisar as mudanças ocorridas no espaço geográfico.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em seu Projeto Político Pedagógico (2016), possui duas disciplinas voltadas para as discussões do conceito de região, são elas: Regionalização do espaço mundial e Regionalização do espaço brasileiro. O presente artigo trata da utilização de músicas para desenvolver análises sobre a segunda disciplina.

Entre as músicas debatidas estão Asa Branca de Luiz Gonzaga e Nordeste pra Frente que ficou conhecida na voz de Elba Ramalho, após as discussões acerca das letras e do conceito de região pôde-se fazer algumas considerações e análises em como o conceito de região muitas vezes é utilizado popularmente pelas pessoas e quais são críticas tecidas pelas melodias.

A canção Asa Branca, composta em 03 de março de 1947, traz uma visão holística sobre a região nordestina, símbolo do mês de junho, época em que se comemora a tradicional festa de São João, tempo em que ela é reproduzida repetida vezes. Importante ressaltar que a música foi criada em uma época em que a região nordeste era negligenciada pelos órgãos governamentais, pois a visão xenofóbica de muitos perpetua ainda esta visão.

Na segunda estrofe, da referida canção (Imagem 1), a música remete a seca da região nordeste evidenciada, por causa do clima semiárido, característica esta que marca a cultura e o modo de vida da população nordestina. Segundo Malvezzi (2007), é o semiárido mais chuvoso do planeta com cerca de 750mm/ano e abrange uma área de 912 mil quilômetros, um questionamento importante que foi ressaltado, nas discussões tecidas em sala de aula, foi que “por que, mesmo sendo o semiárido mais chuvoso, a população ainda sofre com escassez de água?”.

**Imagem 01- Estrofes 02 e 03 da música Asa Branca**

<b>ASA BRANCA</b>	
Luiz Gonzaga	
[...]	
Que braseiro, que fornalha Nem um pé de plantação	
2º {	Por falta d'água, perdi meu gado Morreu de sede meu alazão Por falta d'água, perdi meu gado Morreu de sede meu alazão
Inté mesmo a asa branca Bateu asas do sertão	
3º {	Entonce eu disse: Adeus, Rosinha Guarda contigo meu coração Entonce eu disse: Adeus, Rosinha Guarda contigo meu coração
[...]	

**Fonte:** <https://www.letras.mus.br> / editado pelo autor.

Um dos pontos debatidos sobre esta ressalva foi a ação do Estado (aliás, a falta de ação deste) e a ausência de investimentos governamentais. Muito se falou sobre “combater” esse tipo de clima, mas se torna impossível acabar com algo natural. Políticas desenvolvimentistas foram criadas ao longo do tempo para que a população conseguisse conviver com essas características climáticas. Como apresenta Malvezzi (2007), temos a construção de cisternas para a captação da água da chuva, construção de barreiros e entre outros, podemos destacar o programa “Um milhão de cisternas”, criado pelo governo federal, que mudou a vida e a perspectiva de uma região seca da grande maioria da população.

Importante ressaltar que “não basta captar água para consumo humano. É preciso produzir” (MALVEZZI, 2007, p.17). Essa afirmação se apresenta de forma significativa, os programas de fomentação de créditos, como o Bolsa Família e os empréstimos cedidos por bancos ajudaram a população a ter condições de utilizar esta água captada e conseguir através



dela produzir alimento, seja para as criações da precuária tradicional ou para o consumo próprio como hortaliças.

Na terceira estrofe da canção Asa branca (Imagem 1), Luiz Gonzaga traz à tona uma sub-região muito conhecida como sertão, criada pelo IBGE com o intuito de dividir as áreas por suas características. O sertão compreende, por exemplo, o local com menos precipitação do estado da Paraíba. Não podemos usar esta subdivisão com abrangência maior por dois motivos:

há também os sertões de Goiás e de Minas, além daquele do Nordeste, sinônimos tradicionais de lugares distantes, inacessíveis, espaços do atraso e das populações rústicas. Nem mesmo podemos usar mais, apropriadamente, a expressão “sertão nordestino” para identificar a região semi-árida, pois o Semi-Árido vai além do Nordeste e inclui o Norte de Minas. Então, ora vamos nos referir ao Semi-Árido, ora ao sertão, sempre tendo como referência esse cenário maior (Malvezzi, 2007, p. 09).

Para além do sertão nordestino, coexistem outras áreas também com o nome de sertão e que possuem características morfoclimáticas diferentes. Outra razão são as mudanças nos critérios de regionalização utilizados pelo IBGE, as sub-regiões deixam de existir para o órgão (mesmo que para a população, por uma questão de cultura, elas nunca desaparecerão) e são criadas as regiões imediatas e intermediárias IBGE (2017) que levam em conta a zona de influência das cidades.

O “Adeus Rosinha”, citado na terceira estrofe (Imagem 1), também traz a tona as migrações regionais, entre a região nordeste e sudeste, nos anos de 1970, por causa da seca prolongada, por falta de políticas públicas e negligência do governo a incidência do êxodo rural aumentou significativamente. Malvezzi (2007) cita a criação, anos depois, do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) que foi umas das importantes ações do governo para com a população que sofria com a falta de precipitação.

A música Nordeste Independente (Imagem 2), escrita por Braúlio Tavares e Ivanildo Vilanova, lançada nos anos oitenta pela cantora Elba Ramalho, traz uma outra visão para além de Asa Branca que traduz um nordeste seco e atrasado, ela reafirma um nordeste com potencial de se tornar independente do restante do Brasil, principalmente por causa da xenofobia sofrida pelos nordestinos que saem da sua terra em direção do centro-sul, tema este debatido na primeira estrofe.

Já na quinta estrofe da referida canção, Elba Ramalho encanta o ouvinte ao falar de Recife-PE, uma grande referência industrial para a região Nordeste e que reafirma o potencial da área em questão. A desindustrialização brasileira se evidencia na saída das indústrias, principalmente da região Sudeste para as outras regiões, levando emprego e uma queda nas taxas de migração.



Em outras palavras, uma economia não se desindustrializa quando a produção industrial está estagnada ou em queda, mas quando o setor industrial perde importância como fonte geradora de empregos e/ ou de valor adicionado para uma determinada economia. (OREIRO; FEIJÓ, 2010, p. 221).

**Imagem 02- Primeira, quinta e décima terceira estrofes da música Nordeste Independente**

**NORDESTE INDEPENDENTE**  
Elba Ramalho

1º { Já que existe no sul esse conceito  
Que o nordeste é ruim, seco e ingrato  
Já que existe a separação de fato  
É preciso torná-la de direito  
[...]

5º { Em Recife, o distrito industrial  
O idioma ia ser nordestinense  
A bandeira de renda cearense  
"Asa Branca" era o hino nacional  
[...]

13º { Povo do meu Brasil  
Políticos brasileiros  
Não pensem que vocês nos enganam  
Porque nosso povo não é besta

Fonte: <https://www.letras.mus.br> / editado pelo autor.

Por fim, na décima terceira estrofe da canção Nordeste Independente (Imagem 2), é evidenciado o poder do povo nordestino, que mesmo sendo uma população que muito sofreu, a partir da criação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) e de obras já citadas anteriormente conseguiu mostrar sua importância e particularidades, isso mostra que para expandir suas riquezas é necessário que o Estado reveja seus investimentos e suas metas, quebrando ciclos, como o voto de cabresto, que se perpetua na utilização da água como argumento político para arrecadar votos até hoje ou desvio de verbas, além de um olhar voltado para convivência com o semiárido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível através das discussões em sala de aula rever a utilização do conceito de região e observar que a utilização em grande parte das músicas foi feita na visão do senso comum. A criticidade foi possível encontrar nas letras, principalmente na Nordeste Independente, onde é denunciado os vários motivos pelos quais a região sofre preconceito, mas também é apresentado suas riquezas e peculiaridades.

Também foi possível observar uma maior participação e um entusiasmo nos graduandos, em debater as músicas que trazem temas pertinentes e uma maior autonomia ao processo ensino aprendizagem.

Importante ressaltar que, ao analisar o que seria a utilização de metodologias ativas, foi quebrado o pensamento que estas se resumem só em jogos, equipamentos multimídia e tecnologias da informação. As metodologias ativas são na verdade maneiras de construir autoconhecimento, organização e disciplina atribuindo ao aluno total domínio sobre o que vai ser feito em sala de aula, no caso do presente artigo tratou-se de discussões sobre músicas.

A aula expositiva dialogada se faz muito importante para o processo de ensino, para uma boa escrita, leitura e organização dos pensamentos, mas é necessário lembrar que não existe somente esta metodologia. Não cabe aqui distinguir os culpados pelo ensino tradicional ainda ser presente em todas as aulas, mas cabe ressaltar que é papel da instituição proponente e do professor, buscarem formações continuadas para abarcarem as mudanças da nova geração.

## REFERÊNCIAS

Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>. SÃO PAULO (Estado).

CALLAI, Helena Copetti. A formação do professor de Geografia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 20, n. 1, 1995.

CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, CÔELHO, Leonardo Rafael Santos; DE MACÊDO, Luana Silva Marques; MARTINS FILHO, Jorge. O conceito de região na geografia escolar. **Ensino em Perspectivas**, v. 4, n. 1, p. 1-15, 2023.

Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes, **Roberto Lobato Corrêa**. - 2ª ed. – **Rio de Janeiro; Bertrand Brasil**, 2000.

DA SILVA, Giusepp Cassimiro. A MÚSICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: Uma Proposta Metodológica.

DETRAN, 2020. Disponível em: <https://detran.pb.gov.br/>. Acesso em: 10/11/2023.

IBGE, 2017. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Produção Agrícola Municipal (PAM)*. Rio de Janeiro: IBGE. 2016. 2017. 2018. Janeiro, 2003.

LACERDA, Flávia Cristina Barbosa; SANTOS, Letícia Machado dos. Integralidade na formação do ensino superior: metodologias ativas de aprendizagem. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 23, p. 611-627, 2018.



Letras, 2023. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/>. Acesso em: 11/11/2023.

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido: uma visão holística**. Confea, 2007.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. **Coleção mídias contemporâneas. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015.

OREIRO, José Luis; FEIJÓ, Carmem A. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 30, p. 219-232, 2010.

POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa. **Enfoques epistemológicos e metodológicos**, v. 2, 2008.

REBOUÇAS, Aldo da C. Água na região Nordeste: desperdício e escassez. **Estudos avançados**, v. 11, p. 127-154, 1997.